



IMAGENS EQUIVALENTES¹

Cláudia Albuquerque de Lima.

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Profa. do Curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Associação de Ensino Superior de
Olinda (AESO)

E-mail: alblima@hotmail.com

Nerivanha Maria Bezerra da Silva

Doutora em Fotografia pela Faculdade de Bellas Artes, Universidade de Barcelona,
Profa. do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: nerivanha@ig.com.br

Palavras Chaves: Fotografia; Representação Social; Conceito de Equivalência

Resumo

Estudo experimental que busca desenvolver a aplicabilidade da teoria de Representação Social e do Conceito de Equivalência - no processo de criação de imagens fotográficas representativas da realidade de indivíduos da comunidade de Mandacaru no distrito rural de Gravatá (PE). Fomos buscar nas áreas de imagem e linguagem fotográfica e na metodologia de Equivalência desenvolvida por Nerivanha Bezerra, o embasamento teórico deste estudo. Ao concluir nossa pesquisa, verificamos que a comunidade não apresenta dificuldade em expressar-se através da imagem fotográfica, e acreditamos que a fotografia deva ser usada como ferramenta potencial para a expressão da representação social, e estimulado o seu uso entre estas populações.

1. Imagem: simulacro da realidade

O desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação, o poder dos fluxos de informação, das finanças, e das mercadorias vêm sendo acelerados por um processo universalizante de diminuição das distâncias, tanto temporais-espaciais, quanto intersocietárias.

As novas tecnologias de comunicação, principalmente as que geram imagens visuais, são apresentadas, freqüentemente, como algo que produz a manipulação e a resistência, bem como a homogeneização e a fragmentação da cultura contemporânea e uma maior densidade de

¹ Dissertação apresentada em dezembro de 2001 ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Nerivanha Maria Bezerra da Silva.



intercâmbios. Esta característica de universalidade da imagem facilita o processo de globalização que busca meios acessíveis de penetração internacional e de manipulação (aparências/ilusórias). A análise sobre a realidade chega em tempos em que a globalização tem sido usada como um discurso para o fortalecimento de grandes grupos e de mercados.

As imagens vêm sendo encaradas como parte necessária no processo de formação de uma sociedade, sobretudo em virtude de sua capacidade de alcançar um maior número de pessoas. Participando ativamente desse momento, a Fotografia vem se estabelecendo como disseminadora de mensagens que promovem um conhecimento comum e uma maior divulgação dos fatos, inclusive, o de fortalecimento do discurso dos grupos dominantes, permitindo que as culturas locais/regionais sejam influenciadas por outras culturas a partir do estabelecimento do padrão de conduta.

Hoje, falar da ameaça de extermínio da cultura e da identidade de sociedades é questionar o potencial de transformação e de fusão que acontece na base da existência destas sociedades. Mas, como avaliar o impacto da celebração de sociedades iguais e sem diferenças culturais, sem algo para informar sobre a origem, a identidade, a imagem, e sobre a prova de sua existência e de sua realidade? Como fica a questão da Representação Social e cultural destas sociedades?

Como esta é uma dissertação que tem como preocupação o estabelecimento do vínculo entre a imagem e a Representação Social dos indivíduos da comunidade de Mandacaru, o que poderíamos discutir é sobre como estes indivíduos se vêm representados, qual o discurso que eles têm sobre a sua realidade e até que ponto as imagens fotográficas podem facilitar a expressão e a representação desta realidade.

Para responder tais perguntas precisaríamos remeter-nos, em primeiro lugar, ao conceito de imagem, de realidade, e de como o homem começou a usar os seus recursos, principalmente os fotográficos, para conseguirmos comprovar o verdadeiro potencial da imagem fotográfica na Representação Social da realidade.

Aristóteles entendia as imagens como coisas sensíveis, só que sem matéria, como produto da imaginação, sensação, ou percepção, de quem as recebe, ou ainda, como o caráter ou a origem sensível das idéias ou representações de que o homem dispõe. Já Santo Agostinho dizia: “As imagens são originadas por coisas corpóreas e por meio das sensações: estas, uma vez recebidas, podem ser facilmente lembradas, distinguidas, multiplicadas, reduzidas, ampliadas, organizadas, invertidas, recompostas, do modo que mais agrada ao pensamento” (ABBAGNANO, 1998: 537).

A retórica medieval definia a imagem como “*aliquid stat pro aliquo*”, algo que está em lugar de uma outra coisa, ou algo que pode ser fabricado. Para os gregos, a ‘idéia’, ou a ‘imagem mental’ (*eidos*), é distinta da ‘imagem real’, ou da ‘representação’ (*ikonos*), porém o conceito de imagem



também foi concebido a partir de sua origem latina *imitare* (imitar). Surge daí a relação da imagem com a *mimesis* (a imitação), ou a *diegesis* (o relato), ou seja, imagem é reprodução, reflexo, analogia, ícone, e pode expressar alguma correspondência com a realidade que ela supostamente reflete, reproduz, imita. No livro sexto da República, Platão (PLATÃO, 1949:1) define a imagem como “... primeiramente, [as] sombras, depois, [os] reflexos que se vêem nas águas ou na superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e a todas as representações semelhantes”.

A noção de imagem também foi adotada como algo utilizado para representar alguma coisa na sua ausência. Podemos, também, falar da existência de uma realidade que a imagem reproduz, ou seja, a imagem como reflexo da realidade. É desta relação de imagem e realidade que nasce sua característica quase mágica que permite representar um objeto e sua ausência, simultaneamente, e assim, podemos dizer que imagem é uma seleção da realidade que pode excluir qualquer representação da realidade (uma pintura não figurativa, por exemplo); uma seleção dos elementos representativos; uma relação de passividade com a realidade, quando ela se limita apenas a reproduzir a realidade.

Algumas das noções de imagem levantadas anteriormente expressam, de certa forma, uma visão estática do processo de significação da imagem, entendendo-a apenas como registro. Neste estudo, vamos tratar a imagem não como uma simples imitação dos objetos, mas como a representação subjetiva dos objetos que integram a realidade. Aqui, relacionamos a imagem com o seu potencial de representação ativo e produtivo em mais de um sentido, onde a representação, além de produzir objetos de que fala, produz sujeitos. A representação estaria, assim, inserida nos aspectos de construção e produção das práticas de significação da realidade e de mobilização de um repertório de recursos semióticos, retóricos e estilísticos.

A formação da imagem baseada na Representação Social da realidade de uma sociedade tem como objeto referencial fatos, pessoas, coisas ou sentimentos que permaneceram na memória e no imaginário dos indivíduos. É na representação que observamos o quanto a realidade desta sociedade, expressa a partir da linguagem falada e visual, é formada por signos, significados simbólicos e imagens fragmentadas. Essa representação é um processo de reprodução que é, posteriormente, impresso, formado e distinto do objeto existente. Neste sentido, a imagem reproduzida independeria da presença física do objeto correspondente, porque indica a 'semelhança ou sinal das coisas' que se buscava representar, ou seja, a fotografia é a imagem por excelência.

Discutir a representação da realidade a partir da imagem fotográfica nos leva a questionar: se a imagem é real e faz parte da realidade; o que é real e o que é realidade nesta sociedade amparada pelo visual; se as imagens que representam a realidade dos indivíduos de uma sociedade



transmitem o real; como verificar a força da construção do discurso da realidade a partir da imagem fotográfica; Para iniciar esta discussão gostaria de distinguir Real e Realidade.

“Real se refere à coisa, definição de real é a definição da coisa e não do seu nome, é aquilo que existe de fato ou atualmente. Corresponde aos vários sentidos do termo realidade, que por sua vez indica o modo de ser das coisas existentes fora da mente humana ou independentemente dela; Assim o oposto de Realidade é idealidade, que indica o modo de ser daquilo que está na mente e não pode ser ou ainda não foi incorporado ou atualizado nas coisas. Kant de algum modo reafirmou a Realidade das coisas, mantendo na palavra Realidade (Realität) a significação específica de Realidade das coisas ou, como ele mesmo diz, ‘coisidade’” (ABBAGNANO, 1998: 831).

Portanto, real é aquele objeto palpável e materializado sobre o qual não há dúvidas acerca de sua existência. Já realidade, depende de uma interpretação individual ou coletiva que pode ser modificada, moldada e simulada. A representação da realidade acontece quando se dá uma nova visualização ao que já existe e ao que não existe. Se a imagem mental é algo que é produzido pela mente humana, seria apenas um caso de simulação? A representação da realidade em imagem seria apenas uma representação do que realmente existe ao nosso redor?

Voltemos à época de surgimento da fotografia em 1822. Ao permitir ao homem captar e registrar imagens do cotidiano, a fotografia deu início a uma revolução do olhar, e assim, a um novo código visual, estipulando o que deveria ser olhado e, conseqüentemente, a uma nova ética visual, uma nova leitura do mundo e da realidade ao seu redor. Naquela época a fotografia era entendida como a mimesis, ou seja, a semelhança e equivalência entre o referente e aquilo que estava gravado no suporte fotográfico. A imagem fotográfica, no entanto, deixou de ser apenas considerada como um ícone, semelhante ao objeto, e passou a ser:

“(...) resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionais culturalmente. É uma mensagem que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sígnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem” (MAUAD, 1999: 4-21).

Neste momento, os fotógrafos eram colocados diante de duas atitudes básicas: uma, optar pela realidade - reproduzir objetos, fatos e pessoas que existem, de fato, no mundo físico, objetivando a captura do real ou o mimetismo nas imagens; a outra, optar pela ficção através da manipulação de imagens sem o intuito de atingir o real (Barthes, 1984). Nas novas tendências, a fotografia artística, aliada a artifícios de lentes do fotógrafo e dos recursos tecnológicos com



recursos gráficos, plásticos e conceituais, permite a livre interpretação da realidade e do cotidiano. A imagem deixou de ser um registro puro e simples, o que proporcionou aos fotógrafos se libertarem do 'realismo' e apresentar a foto sob um novo prisma e distorcida do real.

Estas mudanças vêm ocorrendo com a introdução da eletrônica e da informática, que permitem ao fotógrafo fundir recursos de composição, mistura, sobreposição e empilhamento de procedimentos diversos, sejam eles antigos ou modernos, sofisticados ou elementares, tecnológicos ou artesanais, com as fontes mais variadas como cinema, desenho, vídeo ou texto.

"Esta capacidade de 'metamorfose' tem tornado as imagens fluidas, liquefeitas, iridescentes e infinitamente manipuláveis [...] O efeito de real não se dá nelas com a mesma transferência e inocência com que ocorria na fotografia convencional ou no cinema clássico. Isso não quer dizer que as imagens contemporâneas sejam diferentes à realidade, mas que o acesso a esta última é agora mais complexo, menos inocente e decorre de uma capacidade de 'leitura' por parte do receptor. O audiovisual impõe-se hoje menos pelo seu poder de sugerir 'realismo' ou competência mimética do que pela sua eloqüência gráfica, plástica, conceitual ou se quiserem, 'escritural'. Ele pressupõe uma arte da relação, do sentido, e não simplesmente do olhar ou da ilusão" (MACHADO, 1997: 5).

As grandes mudanças trazidas pelo uso da imagem vêm tornando as sociedades atuais diferentes das sociedades do passado porque, segundo Philippe Dubois, as atuais, ao consumirem mais imagens e não crenças, vivem em torno de simulacros. Porém ele não deixa de conferir à fotografia seu certificado de prova, que atesta a existência daquilo que mostra.

"Em toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio. Trata-se das questões dos modos de representação do real ou, se quisermos, da questão do realismo. (...) Existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico 'presta contas do mundo com fidelidade'. Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real bem singular". (DUBOIS, 1994: 25).

2. LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO: CÓDIGOS DA REPRESENTAÇÃO

Para discutirmos a Representação Social da realidade de uma dada comunidade a partir da imagem, precisamos avaliar a compreensão e o sentido desta representação a partir de bases teóricas que entendem a fotografia como uma linguagem e um instrumento de comunicação. Uma vez que



usamos a análise do discurso neste trabalho, é importante construirmos uma fundamentação tomando como base o estudo da linguagem e dos seus recursos semânticos.

O lingüista e crítico russo Roman Jakobson e outros estudiosos da Teoria da Comunicação formulam o ato da comunicação como um processo que envolve uma mensagem e quatro elementos principais: o emissor, o receptor, o meio e o código utilizado. No entanto, para uma análise do discurso, o essencial é o estudo do código comum existente entre o emissor e receptor, que também será subjacente à troca de mensagens.

Dentro do código existem símbolos culturais ou padronizados que transmitem informação no domínio público, e que são distintos de símbolos individualizados, de símbolos privados como os que podem aparecer em sonhos ou na poesia, que não transmitem informação de domínio público.

Segundo Jakobson (JAKOBSON, sd), a comunicação é interpretada através da polarização, da complementação e das transmutações, ordenadas por dois eixos, o da seleção, que está relacionado à função de similaridade exercido pela metáfora, e o da combinação das palavras, que se relaciona à função de contigüidade, metonímias. Portanto, a resposta é dada, ou como substituto, ou como complemento do estímulo.

A comunicação visual também depende de um contexto que possibilite a visualização: o emissor expressa pensamentos, emoções e fatos criados ou sugeridos por uma determinada situação. Ao ser transmitida, a mensagem revela funções, e estas funções variam de acordo com o que o emissor pretende comunicar e expressar.

Numa imagem, podem estar, simultaneamente, presentes mais de uma das funções mencionadas, porém mais importante do que falar do tipo ou função da imagem é referirmo-nos à sua função icônica dominante. Porque é neste momento que podemos verificar o nível de realidade da imagem e analisar a semelhança/diferença entre a imagem e aquilo que representa.

2.1. Aspectos metonímicos e metafóricos da construção e análise da realidade

Para a expressão de idéias ou pensamentos, utilizamos figuras de linguagem ou recursos semânticos. É neste momento que recorreremos ao uso de signos e símbolos para projetar conceitos gerados mentalmente em coisas e ações do mundo externo, metonimicamente ou metaforicamente. Tais recursos, para se estabelecerem, fazem parte do senso comum dos indivíduos de uma sociedade.

Para Lakoff e Johnson (LAKKOF, 1980) existe um sistema conceitual que facilita o entendimento ou a compreensão das coisas - entidades, objetos, ações, pensamentos, idéias, etc - e é transmitido por meio da linguagem visual ou sonora. Para explicar certos conceitos abstratos, como



emoções e idéias, precisamos substituí-los por outros termos que entendemos mais facilmente – como orientação espacial, objetos, etc. É neste momento que precisamos de recursos metafóricos para a compreensão de um pensamento, porque as metáforas nos permitem conceituar uma coisa por outra coisa. Neste caso, o processo de entendimento da metáfora compreende a associação verbal e de imagens que são especializadas em assimilar, armazenar, organizar, recuperar e manipular estímulos informacionais.

A metáfora consiste, portanto, na utilização das palavras ou expressões com sentido diferente do que possuem normalmente e baseia-se na comparação real ou imaginária que não está presente e origina-se na forma como apreendemos o senso comum. É a comparação, ou a aproximação, de dois termos entre os quais existe alguma relação de semelhança. Já a metonímia é a substituição do sentido de uma palavra ou expressão por outro, havendo entre eles uma lógica.

Esses dois processos desempenham um papel relevante no sistema conceitual, e refletem-se na linguagem e na articulação dos pensamentos e ações, sendo que a diferença é que o sistema de imagens lida com informações que têm referência nos fatos e nos objetos concretos, e o sistema verbal lida com informação lingüística.

As metáforas, portanto, estruturam nosso sistema conceitual de maneira sistemática, incorporando-se ao nosso dia-a-dia. E, quando uma nova metáfora se enraíza no sistema conceitual, provoca transformações neste sistema criando novos conceitos da realidade.

Para facilitar o entendimento e a compreensão, a metáfora é usada como comparação, contraste, analogia, similaridade, justaposição, identidade, tensão, colisão, fusão e equivalência de uma idéia, e pode ser também entendida como uma relação verbal condensada em uma idéia, imagem ou símbolo. Metáfora, para Aristóteles, consiste em: "dar a uma coisa um nome que pertence a outra coisa: transferência que pode realizar-se do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra ou com base numa analogia" (ABBAGNANO, 1998: 667).

A construção metafórica tem por função interpretar e aproximar realidades distantes, a metonímica tem função referencial e por isso cria realidades semelhantes referenciais. Para haver metáfora é necessário que haja reflexão e se esta não for expressa fica-se na dedução, na fantasia, na aparência. No entanto, as concepções estruturais metafóricas e metonímicas não estão presentes apenas na língua, mas nos pensamentos, atitudes, ações e na vida diária. A oposição fundamental entre estilo metafórico e estilo metonímico é que o metafórico, aproximando realidades distantes, se fundamenta em relações subjetivas, enquanto que o metonímico se fundamenta em relações objetivas.



A partir desta análise observamos que a imagem fotográfica, quando tem como característica principal a representação mimética da realidade, esta carregada de estruturas metonímicas. Quando busca a visualização das narrativas, a imagem é construída por metáforas. Em linguagem fotográfica, a metáfora indica o princípio de imagem originado do pensamento e da reflexão sobre a realidade e a metonímia o princípio referente da realidade.

Observando a grande importância destas duas figuras semânticas na comunicação, a metonímia e a metáfora, presentes no discurso oral dos indivíduos da comunidade de Mandacaru, procuramos entender como se dá a representação da realidade através da linguagem fotográfica. O conceito de Equivalência se constrói principalmente a partir do recurso da metáfora, que pode ser entendido como a relação entre dois objetos ou sentimentos que tenham o mesmo valor.

2.2. Linguagem fotográfica

A civilização da imagem gerou um processo de fortalecimento do acesso à informação e ao conhecimento através da imagem e da palavra, promovendo a transmissão da história e das culturas através da linguagem oral e visual e justificando a preferência da população por códigos, configurações gráficas, desenhos, ilustrações e, por conseguinte, pela televisão e pela fotografia.

Ao permitir captar e transmitir o que não é expresso em palavras escritas ou sonoras, a fotografia promove uma comunicação intercultural. Possibilitando a reconstituição da história cultural de grupos sociais, a produção e a análise de registros fotográficos servem para um melhor entendimento dos processos de mudança social e do impacto das frentes econômicas. Conseqüentemente, a Representação Social da realidade destas sociedades começa a ser estabelecida pela mensagem visual.

Ao ler uma imagem, é necessário observar que além do aspecto objetivo, do domínio da técnica e do equipamento, existe um componente subjetivo que depende da vivência, da percepção e da sensibilidade do autor. Quando as pessoas se empenham em entender e dar sentido ao mundo, elas o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. Portanto, não se busca mais na imagem fotográfica a coisa propriamente dita, mas a sua representação conceitual. Os valores culturais agregados ao sentido de ritmo e da relação entre formas e significados é o que vai reforçar a expressão do conteúdo de uma fotografia.

O conhecimento dos elementos da linguagem fotográfica, que é adquirido a partir de uma base técnica, possibilita uma maior compreensão da capacidade narrativa e do conteúdo dramático contido em cada foto. O que irá reforçar o conteúdo da imagem fotográfica é a disposição dos elementos para a composição do campo visual. No entanto, para a efetiva compreensão desta



mensagem, o espectador irá buscar em sua bagagem (memória visual), e na sua concepção de mundo elementos de equivalência para chegar a uma dada interpretação.

“A fotografia reforça uma visão nominalista da realidade social como integrando pequenas unidades em número aparentemente infinito, já que o número de fotografias que se pode tirar de qualquer coisa é ilimitado. Qualquer fotografia tem uma multiplicidade de sentidos; Ver algo sob a forma de fotografia é deparar com um potencial objeto de fascinação. O extremo ensinamento da imagem fotográfica é poder dizer: 'Aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência.' As fotografias, que por si só nada podem explicar, são inesgotáveis convites à dedução, especulação e fantasia” (SONTAG, 1986: 30).

Philippe Dubois (1986) descreve a imagem fotográfica como sendo um ato-imagem:

“A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima sem comprová-la: uma imagem-ato (...) Ato: não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (o gesto da tomada)- ato de sua recepção e de sua contemplação” (DUBOIS, 1994:15).

A fotografia é, portanto, uma combinação de luzes, penumbras e sombras que, em frações de segundos, se transforma num elemento visível e interpretável. Protagonista de incontáveis feitos científicos, artísticos, religiosos, psicológicos e afetivos do homem, é utilizada para captar, emocional, documental e plasticamente, a rotina de sociedades de origens e histórias diversas.

Aliada à tecnologia, vem permitindo aos fotógrafos registrarem o modo de viver (costumes, rituais, estímulos culturais e simbólicos), de pensar (filosofia), de sentir e de agir do homem, e de tudo o que está ao seu redor. Os fatos, a natureza em geral, e os personagens que servem como objeto de inspiração são captados pelo fotógrafo que expõe sua interpretação visual do mundo. Mesmo sendo a fotografia e seus métodos basicamente iguais, ao fotógrafo é permitido que se expresse numa linguagem própria e num estilo pessoal que se expõem através dos instintos e da experimentação de novas técnicas. Os estados de alma e as reações diante da vida características de cada fotógrafo refletem-se na maneira e na capacidade de interpretação e revelação de suas fotografias.



As luzes, cores e formas, e até a realidade são impressas na imagem, mas as sensações, os sentimentos, só estarão presentes se o fotógrafo for apto a expressar algo além do que vê. Portanto, a foto procura revelar não apenas sobre o objeto fotografado, mas também sobre a cultura e estilo de vida de quem opera a câmara. Captar a natureza deste olhar que registra e procurar desvendar, através dessas imagens, um pouco do elemento representado, faz parte do trabalho de materialização ou de visualização do fotógrafo. Este deverá possuir um domínio da compreensão de uma linguagem que vai além do ato de registrar o que vê. Ele domina uma linguagem de olhares, de gestos, de ações, de emoção, de sentidos.

Para que este objetivo seja alcançado não basta ter em mãos uma câmera e filme, é necessário que o indivíduo seja estimulado a perceber suas próprias emoções. Por isso é necessário a utilização de uma técnica que proporcione a sensibilização daqueles que irão retratar a realidade de sua comunidade e, portanto, o conceito de Equivalência será adotado para este propósito.

2.2.1. Análise de imagem

Para realizar uma análise de imagem com o intuito de identificar seu significado dentro da Representação Social precisamos estar atentos às várias condições que permitem à imagem representar um objeto. Estas condições passam pelos significados da imagem, pela representação visual e pelo nível de percepção das imagens por parte dos indivíduos da comunidade. Passam ainda, pelas intenções do autor, pela semelhança ou equivalência com o sentimento ou referente, pela própria construção do objeto de representação e enfim, pela interpretação do espectador. A análise das imagens não deve ser feita através da verificação de uma condição apenas, pois todas são importantes para responder com clareza sobre o modo de representação das imagens.

Antes mesmo de realizar o processo de análise das imagens é imprescindível atentar para os vários sentidos que uma foto é capaz de proporcionar. Estas múltiplas leituras, que denominamos de caráter polissêmico da imagem, não significam que a foto possua vários "sentidos", e sim que seu sentido explícito cria classes de correspondências que permitem múltiplas interpretações. Esta capacidade que a imagem tem de possuir vários significados nasce da relação existente entre a imagem, o objeto e o observador.

Por possuir uma condição de semelhança com o seu referente, a imagem adquire uma relação com o objeto de sua representação através dos diversos sentidos incorporados.

Neste estudo optamos por abordar a imagem num plano da representação (o que ela mostra), num plano de conteúdo (o que ela significa), e num plano do significante (a realidade exterior a que ela faz referência). Ou seja, procuramos identificar qual a semelhança e ou diferença com a realidade exterior que a imagem remete.



Com isso, procuramos o sentido, a interpretação que determinado grupo ou indivíduo apresenta para determinado objeto da sua realidade. A fotografia, assim, não retrata a realidade tal qual ela aconteceu. Ela é uma interpretação de determinado recorte do passado, de um relato sentimental dos indivíduos e fruto das representações de determinado indivíduo ou grupo.

2.3. Conceito de Equivalência

A emoção deve ser exercitada e estimulada em qualquer ato fotográfico, pois ela é a chave para a expressão do indivíduo. É neste sentido que procuramos estimular a força da linguagem fotográfica e de seu potencial como instrumento de comunicação na sociedade atual tomando como base para esse estudo o conceito de Equivalência, que associa a imagem fotográfica a uma metáfora.

A idéia de criação de imagens a partir do conceito de Equivalência nasceu de Alfred Stieglitz nos primeiros anos da década de 20, tendo sido também adotada por membros da Photo-Secession em Nova York. Posteriormente, mais difundido por Minor White, este conceito começou a ser entendido pelo processo de criação de imagens fotográficas a partir de sua equivalência com as emoções que estão armazenadas nas recordações afetivas, nos sentimentos e nas vivências de cada indivíduo. Portanto, a fotografia no conceito da Equivalência, é usada como fonte de estímulo e de expressão e não apenas como fato documental. Minor White procurou explicar a criação-expressão da imagem fotográfica a partir de níveis de Equivalência.

A fotografia expressa um certo grau de Equivalência quando o espectador vê na imagem algo correspondente a uma sensação de seu interior, ou seja, os sentimentos do fotógrafo são similares ao do seu espectador, criando assim, um sentimento conhecido, uma Equivalência de sensações e estímulos.

"O poder do equivalente, no que concerne ao fotógrafo criativo-expressivo, pode transmitir e evocar sentimentos acerca das coisas, situações e eventos que por uma razão ou outra não podem ser fotografados. O segredo está na possibilidade de utilizar as formas e superfícies dos objetos frente a câmera em suas qualidades expressivo-evocativas (WHITE, 1984b:212)."

A partir das experiências de Minor White, a Professora Nerivanha Bezerra, da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolveu uma metodologia para o ensino da fotografia. Neste estudo, a Professora adaptou o conceito de Equivalência como paradigma para a criação de imagens fotográficas para alunos de graduação do Curso de Comunicação Social desta Universidade. O modelo desenvolvido pela Professora foi trabalhado em três níveis:



1. O primeiro nível corresponde a recordações dos sentimentos do fotógrafo associado ao objeto, tema ou sujeito a ser fotografado;
2. O segundo nível corresponde ao emprego dos meios técnicos do registro fotográfico do binômio sujeito-objeto;
3. O terceiro nível procura provocar no espectador um sentimento equivalente ao que foi sentido pelo fotógrafo.

O conceito de Equivalência, assim como foi capaz de estimular alunos a produzirem imagens com alta carga de emoção e sensibilidade, poderá permitir que os indivíduos das comunidades sejam capazes de representar imagens equivalentes ao discurso sobre a realidade. Na nossa pesquisa utilizamos a Equivalência como método estimulador dos processos de reflexão sobre a realidade e histórias pessoais dos indivíduos da comunidade de Mandacaru; de criação da imagem e expressão da Representação Social; e de leitura e interpretação do conteúdo da imagem fotográfica. Aplicamos o conceito de Equivalência neste estudo seguindo os seguintes níveis:

Percepção da realidade – Estimular nos indivíduos pesquisados a observação e reflexão acerca da realidade, e a exposição, através do discurso oral, de sua visão sobre ela; Representação Social a partir das recordações afetivas ou emocionais - Estimular o processo de criação da imagem mental sobre as histórias de vida e recordações afetivas desencadeadas pelo discurso individual; Percepção do Público - Estimular nos espectadores a observação

Metodologia

Tivemos a preocupação de trazer elementos da pesquisa empírica e procuramos abordar, na comunidade de Mandacaru, os aspectos relevantes à construção de sua realidade social, detalhando os procedimentos e passos metodológicos. Apresentamos, em etapas, o processo de criação da imagem a partir da adaptação dos três Níveis do Conceito de Equivalência. Estas etapas foram aqui resumidas no quadro a seguir:



	ETAPA 1	ETAPA 2	ETAPA 3	ETAPA 4	ETAPA 5
	LEVANTAMENTO	REFLEXÃO NÍVEL 1	CONSTRUÇÃO DA IMAGEM NÍVEL 2	BUSCA DA INTERPRETAÇÃO NÍVEL 3	RESULTADO
OBJETIVO	Identificar o contexto sócio-cultural e a natureza - práticas específicas, redes de interação, comunicação de massa acessível- da representação social entre os indivíduos da comunidade de Mandacaru	1. Estimular os indivíduos da comunidade a refletirem sobre a sua realidade 2. Identificar e sintetizar os sentimentos mais expressivos em cada discurso.	1. Direcionar ao discurso com relação aos fatos que mais emocionaram os indivíduos; 2. Estimular a criação de imagens representativas da realidade	1. Verificar se a imagem expressava o significado proposto pelo morador que a realizou 2. Obter diretrizes para especificar a concepção destes indivíduos com relação à sua identificação com as representações expressas na imagem	Avaliar se a representação social expressa na fotografia era interpretada e comunicada e interpretada por outros membros da comunidade
MÉTODO	Durante o período de junho de 1999 a maio de 2001 foi realizada coleta de dados sobre o relato sócio-econômico da população a partir de questionário semi-aberto a 47 representantes da comunidade com idade entre os 9 e 92 anos	1. Entrevistas semi-estruturadas, gravadas, escritas e depois transcritas com 21 moradores de cada faixa-etária. 2. Análise de discurso ou de conteúdo, de forma quantitativa e qualitativa. A análise se constituiu da identificação de eixos semânticos.	1. Seleção de 2 ou mais representantes de cada faixa-etária num total de 13 pessoas. 2. Solicitamos às 13 pessoas que analisaram seus relatos que representassem através da fotografia a imagem equivalente ao sentimento ressaltado em seu discurso.	1. Das 216 fotos foram selecionadas de 3 a 5 de cada participante que no final totalizaram 43 fotos 2. Entrevista com 24 pessoas que compareceram à exposição para realizar uma breve análise das fotos.	1. Quantificação o dos dados a partir do Epi Info
FASES	Histórico-Bibliográfico Questionário	2.1 Entrevista (Discursos) 2.2 Análise dos discursos	3.1. Identificação 3.2 Registro	4.1. Seleção 4.2. Exposição 4.3. Análise	5.1 Análise dos dados



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

PERGUNTAS		1. Como é sua vida em Mandacaru? 2. Fale sobre um fato que foi marcante para você, pode ser uma recordação boa ou ruim, lembranças, situação de vida. Descreva visualmente onde estava, qual o tempo e a situação.	Se você tivesse que descrever um sentimento sobre aquilo que foi contado, que sentimento seria? Que sentimento você percebe? 2. Como você transformaria o momento relatado em foto? Se tivesse que ver isto numa imagem, qual seria?	1. Qual a foto que mais se relaciona ou tem a ver com a sua realidade? ou, 2. Qual a foto que mais lhe emociona, com a qual você mais se identifica? Por que?	
------------------	--	---	---	---	--



Resultados

Realizamos uma análise dos discursos dos indivíduos pesquisados a partir dos níveis de equivalência encontrados. Posteriormente, com base nas teorias abordadas, analisamos os resultados e suas relações com as hipóteses levantadas.

Após nossos estudos observamos que os indivíduos conseguiram produzir as imagens propostas ou passadas por eles pela expressividade e pela qualidade técnica da maioria dos registros fotográficos (ver imagens na página 15). Dos 14 indivíduos que participaram desta etapa, oito (57,1%) produziram e fizeram uma representação fotográfica dos fatos relatados.

Identificamos que, no geral, ao analisar uma imagem cerca de 71,4% dos entrevistados realizavam algum tipo de reflexão sobre a realidade de vida da comunidade e 60% das pessoas faziam referência às lembranças do próprio passado. Foi observado que 88,6% das pessoas ao verem as imagens faziam alguma identificação com as histórias da sua vida ou de pessoas próximas.

Ao fazer o levantamento de como eles relacionavam a imagem às histórias de vida observamos que cerca de 57% das leituras eram realizadas de maneira metafórica. A imagem servia não apenas como elemento referencial, mas também como impulsionador da realização de uma analogia, similaridade, justaposição, identidade, fusão e equivalência de uma história e momento de vida dos indivíduos.

Ao usar uma interpretação metafórica na leitura das imagens, os indivíduos se fundamentam em relações subjetivas para explicar as suas realidades. Houve, portanto uma identificação com a imagem, ou seja, a foto fala à respeito de algo que faz parte da vida dos indivíduos. Há uma busca interior para explicar a expressão e a mensagem da imagem, mesmo que a interpretação não corresponda à mesma do autor da foto. E isto é exatamente o que propõe a representação, pois ela é sempre a referência de alguém sobre alguma coisa.

As várias condições da imagem em representar/mostrar um objeto influenciaram na identificação de seu significado por parte dos indivíduos de Mandacaru. Ao solicitar que os espectadores manifestassem suas sensações sobre a foto verificamos que a interpretação do objeto de representação dependeu principalmente de como o espectador via na imagem algo correspondente a uma sensação de seu interior, e assim buscava um sentimento conhecido, uma equivalência de sensações e estímulos.

Conclusão

No final pudemos verificar que as comunidades rurais possuem uma grande capacidade de operar uma câmera e de usar a imagem fotográfica para expressar a representação social da



realidade, desde que orientadas sobre noções básicas de fotografia. E principalmente a imagem fotográfica deve começar a ser usada para a expressão de sentimentos e fatos marcantes na vida dos indivíduos, tornando-se, portanto, uma ferramenta potencial para a expressão da representação social destas comunidades.

Após este estudo verificamos que este conceito pode ser utilizado por outras comunidades, otimizando o uso da fotografia como recurso de comunicação e como suporte de expressão da representação social. O conceito seria, portanto um facilitador da expressão e da representação da realidade e também um mecanismo capaz de simplificar e organizar o fenômeno de representação social, tornando a realidade inteligível e compreensível para toda a comunidade que, ao usar uma linguagem comum, pode mostrar e disseminar suas condições de vida e de realidade. A fotografia, assim se transformaria em mais uma forma acessível às populações para a expressão e a promoção de sua representação.

O desenrolar de nosso trabalho mostrou-nos que a fotografia pode e deve ser encarada não apenas como uma técnica, uma ferramenta de comunicação, mas como uma nova visão, uma forma de permitir que a comunidade se expresse e represente a sua realidade, através de imagens carregadas de sentimentos e emoções, assim como o fazem os grandes mestres.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. 1998. Dicionário de Filosofia. Tradução Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BARTHES, Roland. 1971. Elementos de Semiologia. Tradução Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- BEZERRA, Nerivanha Maria. 1997. Reflejos de la Imagen. Tese (Doutorado em Fotografia) - Facultad de Bellas Artes, Universidad de Barcelona, Barcelona.
- BOURDIEU, Pierre. 1997. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Zahar.
- DUBOIS, Philippe. 1994. O Ato Fotográfico e outros ensaios. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, coleção ofício de arte e forma.
- GUARESHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). 1995. Textos em Representações Sociais 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- JODELET, Denise. 1986. La Representación Social: Fenómenos, Concepto y Teoría. In S. Moscovici. Psicología Social. Barcelona: Paidós. pp. 469-494.
- KOSSOY, Boris. 1989. Fotografia e História. São Paulo: Ática.



MACHADO, Arlindo. 1997. In Entenda a sua Época.. Folha de São Paulo. São Paulo: 13 abr. Caderno Mais!

MAUAD, Ana Maria. jul.- dez. 1999. O poder em foco: imagens (..), uma reflexão sobre fotografia e representação social na coleção Pereira Passos. Revista Eletrônica de História do Brasil. Juiz de Fora: UFJF, v. 3, n. 2,. pp. 4-21. <http://www.clionet.ufjf.br/rehb>

SÁ, Celso Pereira de. 1998. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais - Rio de Janeiro: Ed.URJ.

SONTAG, Susan. 1986. Ensaio sobre Fotografia. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

WHITE, Minor. 1984. El ojo y la mente de la cámara (1952) e 1984. Equivalencia: Tendencia Perpetua (1963).In FONTCUBERTA, Joan. Estética fotográfica: Selección de Textos. Barcelona, Espanha: Blume.